

Rush! A Banda!

Dinossauro do Rock

- Capítulo 1: O Despertar da Música
- Capítulo 2: Primeiros Passos
- Capítulo 3: O Álcool e a Adversidade
- Capítulo 4: O Impacto de "2112"
- Capítulo 5: O Rise and Fall
- Capítulo 6: Encontros e Desencontros
- Capítulo 7: O Mito do Rock Progressivo
- Capítulo 8: A Criação de Clássicos
- Capítulo 9: Usos e Abusos
- Capítulo 10: O Legado e as Turnês
- Capítulo 11: A Última Canção
- Capítulo 12: A Música Continua

Seja bem-vindo a uma jornada extraordinária, onde a música transcende o simples ato de tocar notas e se transforma em uma experiência profundamente humana. Neste livro, "Rush! A Banda!", você será transportado para a cena vibrante do rock dos anos 70 em Toronto, um período que pulsava com energia, criatividade e, claro, desafios. Através da vida, da luta e do triunfo de uma das bandas mais icônicas do rock progressivo, você não apenas conhecerá os integrantes — Geddy Lee, Alex Lifeson e Neil Peart — mas também sentirá sua paixão pela música, suas dores e suas vitórias.

Em uma narrativa rica em diálogos autênticos e reflexões íntimas, você irá testemunhar os primeiros passos humilhantes e tortuosos da formação da banda, enquanto eles tentam se estabelecer em pequenas casas de shows, lutando contra a dúvida e a falta de reconhecimento. Entre risadas e histórias, você encontrará as conversas que traçam a história de cada um deles, revelando suas influências e motivações que moldaram o som único do Rush.

Através das páginas deste livro, os leitores serão convidados a viver as emoções intensas que permeiam a vida de um músico em ascensão. Assim como uma montanha-russa, a narrativa oscila entre momentos de alta energia, como o frenético ritmo dos shows, e as profundezas de reflexões introspectivas, onde anseios e dúvidas que permeiam a jornada de cada membro são revelados. Você descobrirá o impacto significativo do álbum "2112", que não apenas mudou o destino da banda, mas também desafiou as normas da indústria musical. A história é um mosaico de suor, lágrimas e música que ressoa no coração de todos que já experimentaram o poder singular da música ao vivo.

Ao longo dos capítulos, você verá como o álcool e as pressões da fama quase despedaçaram a coesão da banda, invocando diálogos tensos e emocionais que enfatizam a necessidade de autenticidade em um mundo cheio de expectativas. O rock progressivo, com sua estrutura complexa e lirismo poético, será explorado como um marco na trajetória criativa do Rush, enquanto os diálogos envolventes entre Geddy e críticos revelam os desafios de se destacar em um mar de artifícios.

Preparar-se para ler sobre a criação de clássicos como "Closer to the Heart" e "Tom Sawyer" é mergulhar na essência de uma parceria criativa que não apenas produziu música, mas cativou gerações de fãs. Cada nota, cada letra é um testemunho da urgência e da beleza da vida humana, onde erros, conquistas e composições se entrelaçam de maneira inextricável. Você se verá imerso nas turnês impetuosas que ecoam cada acorde sob um céu estrelado, e será tocado pelas homenagens sinceras aos que já partiram, ecoando as memórias de cada show e a importância da música em suas vidas.

No clímax desta emocionante narrativa, você encontrará um poderoso testemunho sobre a busca por significado e amizade em meio ao caos. As conversas entre os integrantes na parte final do livro se tornam mais do que simples diálogos; são reflexões sobre a resiliência, a memória e a arte de viver intensamente.

Então, querido leitor, prepare-se para uma experiência que vai além do convencional. "Rush! A Banda!" é uma celebração da música, da vida e da conexão humana, prometendo ser uma leitura tão cativante quanto um concerto da banda em si. Assim como a música continua a ressoar no tempo, *gou It is a leap into the past, a celebration of what remains, and an invitation to feel everything that*

Rush! A Banda!

music embodies: joy, pain, hope and above all, the power of friendship.

Desfrute da jornada!

Aldebaran Von Holleben

Capítulo 1: O Despertar da Música

Toronto, na década de 70, era um caldeirão efervescente de cultura e criatividade. As ruas pulsavam com a energia de uma juventude em busca de identidade, enquanto as notas da música ecoavam pelos bares e clubes, criando uma sinfonia urbana única. Os longos vinis rodavam em toca-discos desgastados, enquanto as vozes dos artistas emergiam, entrelaçando-se com a esperança e a revolução de uma era.

Naquela época, a cena musical canadense estava em plena transformação. O folk dançava com o rock, criando ritmos que vibravam na alma dos jovens. Cada esquina contava uma história, e cada casa de show, um novo começo. Era um tempo de descoberta, onde as influências do rock britânico e do blues americano se fundiam, gerando um som característico que reverberava por toda a cidade. Multidões se reuniam, lado a lado, em shows lotados, abraçando a pulsante diversidade da música.

"Você já ouviu o novo som da cidade?" Geddy perguntou a Alex enquanto caminhavam pela Queen Street, uma artéria vibrante que se tornara o coração da cena musical. "Acho que isso vai mudar tudo!"

"Você tem razão. Esses caras estão fazendo barulho!" Alex respondeu, olhando para o letreiro luminoso de um clube em que logo se apresentariam, seus olhos brilhando com a promessa de algo grandioso.

"São tempos emocionantes, não é mesmo?" Neil, que até então apenas escutava, interrompeu com um sorriso contagiante. "Mal posso esperar para subir naquele palco!"

O ar estava carregado de expectativas. Aquela era uma Toronto onde cada acorde poderia inspirar um novo movimento, onde a arte da música dialogava diretamente com a vida e suas complexidades. Os jovens músicos buscavam não apenas tocar, mas se expressar, contando suas histórias através de letras que falavam diretamente ao coração da audiência.

Os clubes se tornaram o lar para aqueles que buscavam refúgio da monotonia do cotidiano. O cheiro de cigarro e a mistura de diferentes bebidas pairavam no ar enquanto as luzes piscavam ao ritmo das batidas. Cada performance era uma possibilidade; o nervosismo era palpável, mas era superado pela paixão que transbordava nos palcos. Era este o espaço onde guardariam seus primeiros acordes, momentos inesquecíveis que moldariam suas vidas e a história da música no país.

Naqueles primeiros shows, o grupo sentia a adrenalina correr enquanto as luzes se apagavam e o público ficava em silêncio, expectante. Cada nota trazia à tona um novo desafio, como se o universo inteiro estivesse prestes a inflar em um único acorde. Eles sabiam que o palco era um território sagrado, um espaço onde poderiam finalmente se libertar das dúvidas e ansiedades da vida cotidiana.

"Se a gente errar, vamos arranjar um jeito de nos redimir na próxima!" Geddy brincou durante um ensaio, essa leveza era um alicerce na construção de quem eles eram como banda, como amigos. A música poderia ser uma forma de superação, um meio de escapar das expectativas impostas e expressar a verdadeira essência de suas almas.

E assim, em meio à transformação e à busca incessante, a cidade de Toronto se tornava o berço das ambições de três jovens

que estavam prestes a deixar sua marca em um cenário musical que vibrava por autoafirmação e liberdade. A jornada de se tornarem a icônica banda Rush começaria ali, naquele espaço de sonhos e notas vibrantes que ainda ecoaria através das gerações.

Geddy, Alex e Neil se reuniram novamente no porão da casa de Geddy. O ambiente estava repleto de pôsteres de bandas que haviam influenciado suas trajetórias, suas deslumbrantes imagens penduradas nas paredes, como testemunhas silenciosas das músicas que sonhavam em criar. Ali, cada um trazia suas próprias histórias, suas inseguranças e aspirações.

"Olha, eu sempre achei que a melhor forma de capturar um som é sentindo a própria música, ela nos agita!" Geddy disse, guitarra em mãos, o timbre de sua voz refletindo a urgência da criatividade. "Vamos fazer algo que realmente ressoe com a gente. Algo único!"

"Sim! Essa é a essência, cara!" Alex assentiu, entusiasmado, enquanto arrumava suas cordas. "Quando tocamos, precisamos de uma conexão. O que adianta tocar se não sentimos isso dentro de nós?"

Neil, sentado em um canto, observava os amigos. "E logo todo mundo vai sentir essa conexão. Mais do que tocar, é sobre contar uma história, a nossa história, a banda é a voz de cada um de nós." Ele pegou suas baquetas e deu uma leve batida no chão, como se ali mesmo estivesse testando as possibilidades.

"Sim, mas precisamos que nossa música também conte algo, ter um significado!" Geddy insistiu. "Podemos falar sobre as lutas, sobre a vida aqui nas ruas, a verdade é o que vai conectar com a galera."

"Ou sobre sonhar!" Alex interveio, seus olhos brilhando. "Sempre sonhar. Mesmo quando tudo parece impossível." Era evidente que havia uma empatia entre eles, uma ligação que tornava aquela banda mais forte.

Em seguida, uma conversa se desenvolveu sobre as influências musicais que cada um trazia. "Escuto Led Zeppelin e me sinto transportado para outro mundo", Alex começou. "A forma como eles misturam psicodelia e rock é incrível, é como se cada acorde levasse a uma nova viagem."

"Você e seu Led! Mas não dá pra esquecer do Rush, temos que ser fieis a nós mesmos", Geddy falou, em tom brincalhão. A camaradagem era visível, suas risadas e provocações revelavam a sinceridade de uma amizade em crescimento.

As intenções claras sobre sua música traziam um desdobramento natural em seu processo criativo. A conexão ia além do som; era algo vivencial, uma simbiose de sentimentos, histórias contadas através de acordes e letras. E assim, foram compor, garimpando emoções e sonhos em meio a um turbilhão de sentimentos e esperanças.

Agora, com uma música reconhecida ecoando em seus corações, chegou a hora de encarar o palco, algo que até então parecia um sonho distante, mas agora estava prestes a se tornar realidade. "Imaginem a energia da multidão ao nosso redor... podemos sentir a música nos unir em algo grandioso!" Neil comentou, a emoção transparecendo em sua voz.

E assim, em meio a acordes desconexos, as ideias fervilhavam. Diálogos entre eles moldavam a criação musical, onde

cada um contribuía com sua essência, construindo algo maior do que a soma de suas partes. Era a imagem de uma amizade profunda, pulsando com vitalidade e ambição, entrelaçada em melodias que ainda estavam por vir.

Ao final, a noite caía sobre Toronto, e sob aquela intempérie musical, os sonhos de três jovens se entrelaçavam, moldando o futuro que prestes a sair daquelas quatro paredes e ganhar o mundo, dando início a uma jornada que os tornaria ícones de uma geração. Nascia ali o som de Rush, e a música nunca mais seria a mesma.

Geddy, Alex e Neil estavam em um pequeno bar no coração de Toronto, o que, naqueles momentos, poderia ser considerado um santuário da música. As paredes desgastadas estavam cobertas por cartazes de bandas famosas, e o cheiro do cigarro misturado com cerveja trazia um ar nostálgico ao ambiente. Uma noite movida por expectativas, a reunião daquela banda ainda inominada fervilhava de ideias e sonhos. Na verdade, eram apenas os primeiros ensaios, mas seus corações já vibravam com a possibilidade de um futuro grandioso.

“Olha o que temos até agora”, Geddy disse enquanto desfolhava alguns arranjos em um caderno onde esboçara a letra de uma canção. O olhar dele trazia um brilho singular, o tipo que acende quando alguém está perdidamente apaixonado por algo. “Acho que essa parte aqui poderia começar com um solo de guitarra, Alex! Imagino algo realmente envolvente que capture a atenção!”

Alex olhou para a folha, as notas saltando da página. “Com certeza! E se adicionarmos uma linha de baixo mais marcante? Precisamos que esse som seja inconfundível, algo que complete a

magia das letras,” respondeu, já começando a tocar algumas notas e fazendo uma pequena demonstração.

Neil, enquanto ajustava a bateria despretensiosamente, não pode conter a empolgação. “Querem que eu faça uma batida que vá junto com a letra? Algo que represente a tempestade que está por vir? Sinto que tudo isso vai ser monumental,” ele comentou, os olhos brilhando de entusiasmo, como se já pudesse sentir a energia do público se movimentando em sua direção.

A atmosfera estava carregada com as expectativas e a ideia de se apresentarem. Geddy notou o nervosismo que começava a se misturar à empolgação e arriscou: “E se, na próxima apresentação, tocássemos essa mistura? O que podemos perder? Um palco está nos esperando!”

“Você é louco?” Alex riu, claramente nervoso, ainda assim animado com a perspectiva. “Um pequeno show, com um público atencioso e... o que, uns trinta a quarenta caras tomando umas? Ah, é só uma milésima do que sonhamos!”

“Uma milésima ou não, esse é o primeiro passo!” Geddy insistiu, fazendo gestos dramáticos com as mãos, como um artista que tenta envolver seu público. “A música não pode ser só sobre isso! Você não pode tocar esperando o sucesso imediato! É tudo sobre conectar-se com quem ouve, com as emoções que a nossa canção evocar.”

Eles permaneciam ensaiando, aprimorando cada nota e cada palavra. O entusiasmo era palpável. Compartilhando histórias e risadas, descobriram que a amizade sólida criada entre eles era o combustível que alimentava a criatividade. Cada detalhe contava e cada letra pulsava com a verdade que expressavam.

“Só lembrem-se, galera, isso ainda é só o começo,, e as incertezas lá fora são vastas,” Neil alertou, ponderando sobre o caminho à frente enquanto seus dedos passavam suavemente pela pele do tambor. “Mas, se formos verdadeiros... se formos nós mesmos, talvez consigamos. Vamos ter resiliência!”

Os dias passaram, mas o sentimento do primeiro show ainda pairava. A ansiedade era uma velha conhecida que os acompanhava, mas aquela energia, aquela paixão, tornava cada momento no palco especial. A dança da música e o calor humano deixavam claro que a jornada deles estava apenas começando. Eles não eram apenas músicos buscando fama, mas contadores de histórias, arquitetos de emoções que muito em breve ecoariam nas almas do público.

“Só precisamos de uma única chance,” Geddy reafirmou no final de cada sessão de ensaio, e suas palavras ressoavam como um mantra que eles levavam com eles. “Uma chance!”

E assim, com cada ensaio em sua garagem, eles levantavam as esperanças e sonhos que um dia se tornariam a grande história chamada Rush. Líderes da música, homens que se tornaram mais do que apenas ícones; eles se tornaram companheiros que partilhavam o mesmo coração pulsante: a música.

Na noite de sua primeira apresentação oficial, a adrenalina atingia o pico. Os nervos e a excitação eram uma mistura traiçoeira, mas eles estavam prontos. Em um clube pequeno e intimista, o público era uma coleção de rostos anônimos esperando pela magia da música. Quando os holofotes se acenderam, e eles

olharam uns para os outros, souberam que o tempo de sonhar tinha acabado; era hora de fazer história.

Geddy, Alex e Neil se reuniram no aconchegante porão da casa de Geddy, feito um santuário próprio, onde a criatividade poderia correr solta. As paredes enfeitadas com pôsteres de bandas lendárias contavam a história de seus sonhos, um sinal do que ainda estava por vir. O ar estava impregnado pelo aroma do café que permeava a atmosfera, enquanto uma leve música de fundo ressoava, quase como uma trilha sonora para suas conversas.

"Rapazes, sinto que estamos à beira de algo grande," Geddy dissera, imediatamente chamando a atenção de ambos. "Esse som que estamos criando... é diferente. É nosso!" Ele ajeitava a guitarra em seu colo, dedos inquietos esperando apenas o momento certo para se movimentar.

"Tem que ser único, Geddy," Alex falou, um sorriso nos lábios. "A música que vamos apresentar não pode ser igual a nada do que já ouvimos por aí. Para que deixar a platéia esperando algo que já conhecem? Nós temos que intrigá-los, surpreendê-los!" Ele se inclinou para frente, os olhos ardendo com a certeza de que estavam nessa jornada juntos.

Neil, que até então estava na sua posição habitual, cercado por livros e partituras, aderiu à conversa de forma séria. "Exatamente. Precisamos contar uma história com nossa música. Os tempos são desafiadores. A vida na cidade é dura, mas esses desafios têm de se transformar em melodias. O público precisa sentir a força do que estamos vivenciando!" Ele golpeou a caixa da bateria suavemente, como se visse o próprio ritmo dançando ao redor deles.